

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por  
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.  
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Nova Águia – N.º 30 – 2.º Semestre 2022

AUTORES

Vários Autores

DIRECTOR

Renato Epifânio

VICE-DIRECTORES

Anna Galvão, António José Borges, José Almeida, Luís Lóia, Luís de Barreiros Tavares, Luísa Janeirinho,  
Maria João Carvalho, Maria Luísa Francisco, Nuno Sotto Mayor Ferrão e Samuel Dimas

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Retrato da autoria de Lima de Freitas

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas e Luís Costa

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Outubro de 2022

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS


© 2022, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

 WWW.ZEFIRO.PT

# ÍNDICE

EDITORIAL .....	5
-----------------	---

## VII CONGRESSO DA CIDADANIA LUSÓFONA: A LUSOFONIA EM TEMPOS DE PÓS-PANDEMIA

Textos e Testemunhos de Adriano Moreira (p. 8), Duarte de Bragança (p. 9), Elter Manuel Carlos (p. 9), Ivonia Nahak Borges (p. 10), Lúcio Sanhá (p. 12), M. Vieira Pinto (p. 13), Maria Dorigo (p. 14), Óscar Guimarães (p. 15), Renato Samuel Lima (p. 17) e Francisco Ribeiro Telles (p. 18)

## GILBERTO FREYRE: DO LUSO-TROPICALISMO À LUSOFONIA

DO “MANIFESTO REGIONALISTA” DE 1926 À “NOVA ESCOLA DO RECIFE”   António Braz Teixeira .....	20
CAMÕES VISTO POR GILBERTO FREYRE   António Leite da Costa .....	26
GILBERTO FREYRE EM VIAGEM PEL’O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU   Artur Manso .....	31
“LUSOTROPICALIDADE” E O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO   Carlos Dugos .....	40
TALVEZ POESIA (PERCURSOS POÉTICO-ANTROPOLÓGICOS DE GILBERTO FREYRE)   César Tomé .....	42
A “MODERNIDADE CONSERVADORA” EM <i>ORDEM E PROGRESSO</i> DE GILBERTO FREYRE (ALGUMAS REFLEXÕES)   Ernesto Castro Leal .....	52
A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO EM GILBERTO FREYRE   Joaquim Domingues .....	59
REFLEXÃO SOBRE <i>CASA GRANDE &amp; SENZALA</i>   Jorge Chichorro Rodrigues .....	68
A SOCIOLOGIA EXISTENCIAL DE GILBERTO FREYRE   José Esteves Pereira .....	72
GILBERTO FREYRE E A CULTURA, A NOVA ESCOLA DO RECIFE   José Maurício de Carvalho .....	78
GILBERTO FREYRE, INTÉRPRETE DO BRASIL   Samuel Dimas .....	85
GILBERTO FREYRE E LUÍS ANTÓNIO BARRETO: DUAS ANTROPOLOGIAS DO HOMEM BRASILEIRO   Alberto Antunes de Abreu .....	88
A LUSOFONIA ENQUANTO BLOCO GEO-LINGUÍSTICO, CULTURAL E POLÍTICO: ENTRE VAMIREH CHACON, GILBERTO FREYRE E AGOSTINHO DA SILVA   Renato Epifânio .....	98

## NOS 100 ANOS DE JORGE BORGES DE MACEDO

O ENSINO DA HISTÓRIA EM JORGE BORGES DE MACEDO: TESTEMUNHO DE UMA ALUNA   Ana Leal de Faria .....	102
ACERCA DA HISTORIOGRAFIA DE JORGE BORGES DE MACEDO: CONSTANTES E LINHAS DE FORÇA   Álvaro Costa de Matos .....	105
A HISTÓRIA ECONÓMICA NA OBRA DE JORGE BORGES DE MACEDO   Luís Aguiar Santos .....	112
JORGE BORGES DE MACEDO: ENTRE A EUROPA E O ATLÂNTICO   Paulo Miguel Rodrigues .....	116
JORGE BORGES DE MACEDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA CULTURA   Raul Rasga .....	123

## OUTROS VULTOS

ABRANCHES DE SOVERAL   Renato Epifânio .....	126
ALCAIDE DE FARIA   Luís de Barreiros Tavares .....	127
CARLOS CARRANCA   Cândido Ferreira .....	129
GASTÃO CRUZ   António José Borges .....	131
GUERRA JUNQUEIRO   Lídia Machado dos Santos .....	133
JOÃO RUI DE SOUSA   António José Borges .....	136
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA   Nuno Sotto Mayor Ferrão .....	137
LYGIA FAGUNDES TELLES   Alva Martínez Teixeira .....	145
OLIVEIRA SALES   Jorge A. H. Rangel .....	146
PAULA REGO   José Carlos Pereira .....	149
TEIXEIRA DE PASCOAES   Rodrigo Araújo .....	156
VIKTOR E. FRANKL   Emanuel Oliveira Medeiros .....	162

## GILBERTO FREYRE EM VIAGEM PEL' O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU

Artur Manso

### INTRODUÇÃO

Com esta pesquisa, a minha intenção é elencar aquelas que são, para Gilberto Freyre, as especificidades da colonização portuguesa, ou as características dos portugueses que tornaram a expansão portuguesa singular em relação às demais, espanhola, inglesa, francesa, belga, holandesa. É apenas o ponto de vista do historiador e do sociólogo sobre aqueles que considera serem os arquétipos ontológicos do povo/nação portuguesa que me interessa ressaltar: o longo percurso da Pátria portuguesa que se fundou com base no ecumenismo e acolhimento do diferente, mesmo que infelizmente não prescindisse da força das armas nem da escravatura. Como se verá Freyre entende que essas manchas em um longo percurso, uma vez redimidas, deixam livre a comunidade multicultural que se criou para solidificar as bases do futuro à semelhança da projetada sociedade cristã ecuménica, sociedade global de paz, de plena igualdade e respeito por todos os cidadãos, homens, mulheres, crianças de todas as raças e credos, unidas sob o símbolo do bem comum. É o perseguir de um sonho global catapultado por um pequeno povo, pobre e sujeito, que em cumprimento do Evangelho, lhe coube o dever de anunciar a Parusia.

Entre outras, seguirei com mais atenção as suas conferências sobre o tema de 1937 e 1940, coligidas no volume *O mundo que o português criou & Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, para, agora, numa altura de radicalismos de toda a espécie, de reivindicações sectoriais sobre assuntos que já deveriam estar totalmente assimilados, mostrar como a maneira de ser do português moldou de forma positiva os lugares por onde passou, porque soube ser fraternal e acolhedor. Os argumentos que mostrarei são aqueles que

resultam da sua investigação académica no campo da antropologia, da sociologia e da história da cultura. As suas teses são expostas com o recurso a métodos de investigação inovadores, mesmo que nem sempre se livre de um centramento no homem branco, daquele que se tornou colono e patrocinou a escravatura, que entende ser um mal, mas considera que sem ela não se teria conseguido fazer o Brasil e criar essa nova raça, o mestiço, em perfeita tolerância com a poligamia. Em tempos de guerras sociais e ideológicas descabidas, mesmo que haja muito a fazer para atenuar as desigualdades entre raças, povos e culturas, hoje, em qualquer latitude, as sociedades, mais ou menos instruídas já não aceitam ser conduzidas pelos interesses estrangeiros. Em relação ao Brasil, o trabalho de Freyre como refere Fernando Henrique Cardoso, permitiu:

*fazer as pazes com o que somos. Valorizou o negro. Chamou a atenção para a região. Reinterpretou a raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com mais força do que todos, que a mestiçagem, o hibridismo, e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários, não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil [...] acaso não é esta a carta de entrada do Brasil em um mundo globalizado no qual, em vez da homogeneidade, do tudo igual, o que mais conta é a diferença, que não impede a integração nem se dissolve nela?* (Cardoso, em 2003: 28).

### DE UMA PARCELA FEZ-SE UM PAÍS

O Brasil tem as suas bases em um povo, o português, cuja alma das suas gentes tem origem, como já expõe Teixeira de Pascoaes em *A arte de ser português* (1915), na mistura de antigos povos que habitaram a península, na fusão dos

ramos “étnicos ariano – gregos, romanos, godos, celtas, lusitanos – e semita – fenícios judeus e árabes – e na paisagem peninsular virada para o mar”. O sangue ariano e semita gerou a raça lusitana que concilia de forma amorável qualidades contraditórias, ou paradoxais, como desenvolve Fernando Pessoa e exalta Agostinho da Silva. O ária trouxe para a ibéria o naturalismo e o semita o espiritualismo. A ideia de que a alma do povo português é mais bem entendida pelos poetas e literatos do que pelos estudiosos dos vários ramos do conhecimento social, é fortemente rejeitada pelos investigadores que a Academia acolhe, como é o caso de José Mattoso que se define como historiador *contemplativo*, mas refere-se de forma pejorativa a essa via de interpretação. Acontece que, os investigadores sociais produzem conhecimento, mas não fazem ciência porque as teses que formulam sendo sujeitas à experiência quase sempre escapam à experimentação e os resultados das suas pesquisas não se podem traduzir em *leis* universais. Só a mentalidade científica e positivista que se instalou em todos os ramos de conhecimento é que na atualidade permite títulos como cientista social ou cientista político. Um povo não se define por qualquer conceito lógico, apenas por concepções míticas e ontológicas, a sua justificação é intuitiva. O discurso racional não abarca a sua essência, apenas capta os aspetos objetivos do seu desenvolvimento: indivíduos que o constituem, fronteiras que o limitam, relações com os outros povos em toda a sua extensão, quer em tempo de paz quer em clima de guerra, feitos e defeitos que se materializam. O conceito de povo é de inclusão e fusão, mas a descrição racional, positivista que dele se faz é de conflito, de divisão e separação. Consciente desse facto, no aspeto da formação da alma portuguesa, Freyre acompanha os poetas e os literatos, entendendo ser este povo o princípio de uma ampla cultura plural com expressão no cristianismo festivo, lírico e fraternal da gente do povo português e, por extensão, luso-brasileiro:

*Nenhum género de literatura afasta mais os povos, uns dos outros, do que a história política, a militar, a dinástica, com as suas insistências tantas vezes exageradas sobre a nota heroica ou*

*estritamente patriótica; nenhum ramo de ciência social [...] aproxima mais os povos uns dos outros do que a história social e cultural, com o destaque que dá ao que há de mais profundamente humano nas relações de umas culturas com as outras (s/d(a): 87).*

Afirmações deste jaez não eram, ao tempo, tal como acontece agora, bem vistas no meio académico nacional. A ventura dos estudos luso-brasileiros que Freyre ajudou a fundar é coincidente com a oportunidade que teve em poder estudar em escolas superiores dos EUA que tendem a acolher o novo e a apoiar a capacidade revelada. É essa liberdade de pensamento que lhe permite discutir os caracteres étnicos particulares do homem português:

*A independência do português processou-se pela negação de qualquer purismo étnico – que teria conservado Portugal província hispânica – e por uma consciência de espécie não biológica, de semelhanças rigorosamente de raças, mas social: a consciência de necessidades, de aspirações, de interesses comuns entre elementos etnicamente heterogêneos (s/d(a): 181).*

Parte das suas conclusões são de fácil aceitação para os leitores habituais em torno da ontologia do homem português que nada tem que ver com a política biológica de perpetuação da raça, mas sim com a disponibilidade para se dissolver noutros povos com os quais passa a partilhar a vida no seu todo de forma profunda o que leva a que os seus caracteres acabem por se impregnar secularmente em todos os seres humanos de cores e fisionomias diversas. Na génese do ser português está o respeito pela natureza, o acolhimento do diferente, a tolerância e o respeito por outras formas de ser e de fazer, onde a pureza da raça não representa qualquer obstáculo aos seus esforços, gostando sempre de se compreender enquanto mistura de sangue branco, negro, fenício, mouro, africano, indígena. O português encarna a natureza, o mundo físico, sob o signo do cristianismo franciscano, olhando ao mesmo tempo para o mar onde encontra o melhor cúmplice para a sua independência em relação a Espanha e cuja *parceria* o lança no perigo da dissolução, acabando, contudo, por imortalizá-lo ao agrupar de forma única o regionalismo da sua

pequenez e o universalismo que antevê. Desde a sua fundação nunca o caráter deste povo se alterou, tendo resistido a todo o tipo de afronta e ao mais diverso poder bélico, como o que veio da Espanha dos filipes e da França de Napoleão. São estas as características, verdadeiramente universais e ecuménicas, que sobrelevaram na colonização portuguesa, competindo agora ao luso-tropicalismo expandi-las em prol do bem comum e da paz mundial. Para isso, portugueses e brasileiros, em conjunto, têm de assumir essa responsabilidade não se deixando:

*envolver por alguma retardatária ou arcaica mística arianista, antes se entreguem com uma audácia cada dia maior à aventura de se desenvolverem em povos de cor, para neles e em gentes mestiças, e não apenas em brancas, sobreviverem os melhores valores portugueses e cristãos de cultura num mundo porventura mais livre de preconceitos de raça, de casta e de classe que o atual (s/d(b): 10).*

Os portugueses antes da colonização já tinham feito trabalho cristão de assimilação da cultura árabe e maometana, de onde incorporaram a poligamia que levou à mestiçagem. E explica que também para o maometano a raça e a cor não tinham qualquer importância, apenas se interessavam pela conversão ao islamismo e os portugueses seguiram-nos pretendendo que os novos povos se convertessem, agora, ao cristianismo:

*As conquistas maometanas tinham por centro, não uma raça, mas um sistema: o cultural, social ou moral de disseminação de ethos e de cultura maometana. O que fosse biológico ou étnico, a pureza de raça ou de sangue, eram considerações secundárias à margem desse sistema de expansão cultural, religiosa, linguística (s/d(b): 31).*

Em seu entender a forma mista de colonização europeia e ocidental praticada pelos portugueses foi desde o início uma estratégia dos descobrimentos. Mais que não fosse por efetiva necessidade material de mão de obra que era escassa e Portugal nesta demanda não podia prescindir da inclusão de crianças, jovens, velhos, mulheres, de todos aqueles que acrescentassem força de trabalho e ocupassem espaço físico com presença humana. Capacidade e necessidade de integração

que tornou a nossa colonização distinta de todas as outras, recorrendo a procedimentos que se materializam no acolhimento de povos e culturas diferentes, em claro aproveitamento dos métodos da formação da nação, cujo confronto não deixou de acolher árabes e muçulmanos, suas culturas e religiões, relativizando a poligamia que facilitou o hibridismo e suavizou a escravidão:

*O método ou técnica de escravidão dos portugueses desde D. Henrique foi de inspiração árabe ou maometana daí a sua maior doçura e flexibilidade social, quando comparado com outros sistemas escravocratas como os do norte da europa rígidos (s/d(b): 35).*

## DE UM PEQUENO PAÍS FEZ-SE UM IMPÉRIO

Na abertura da III parte de *Casa-grande & Senzala* Gilberto Freyre elenca as características que tornam o colonizador português único. Figura vaga a que:

*falta o contorno ou a cor que a individualize entre os imperialistas modernos. Assemelha-se em uns pontos à do inglês, em outros à do espanhol. Um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia dramática do conquistador do México e do Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O tipo do contemporizador. Nem ideias absolutas, nem preconceitos inflexíveis (Freyre, 2003: 265).*

A grande obra dos portugueses além-fronteiras é o Brasil. Portugal já conhecia e frequentava a África, aqui ao lado, e a distante Ásia, mas quando achou o Brasil tudo mudou. Os outros lugares, estavam feitos. O Brasil, onde os homens arribavam ardentes de desejo, encontrava-se em estado bruto e as viagens, pela lonjura e a acomodação, passaram a ser sem regresso, ou com retorno a perder de vista. A raça pouco lhes interessava e depressa terão percebido que a acalmia dos instintos sexuais de forma pacífica com mulheres de outras etnias nada tinha de censurável. De certo modo o sentido prático do português levou-o a juntar o útil, uma boa relação com as comunidades locais, ao agradável, as horas prazerosas de prazer carnal. Os amplexos do corpo serviam uns e outros, sem necessidade de exclusivismos e em plena interpenetração de valores o que facilitou a miscigenação:

*Justamente isso – pluralidade de cultura e miscigenação à grande – é que dá riqueza, força e capacidade de expansão, não só ao todo nacional luso-brasileiro, como ao conjunto de culturas nacionais ou regionais marcadas pela de Portugal e de que o Brasil é hoje a expressão mais destacada (Freyre, s/d(a): 30).*

Freyre reconhece que não haveria Brasil sem Portugal, pelo menos este Brasil que se avalia e por isso a sua cultura e a sua língua têm de ter a sua base na cultura e na língua portuguesa, língua comum, que assimile as diferenças de cada lugar e em oposição aos puristas da língua entende que esta não é só estrutura e forma, devendo refletir o múltiplo dinamismo cultural:

*O ideal seria uma língua transnacional, que correspondesse aos desejos de aproximação e ao mesmo tempo aos de diversidade dos povos da América, da África, da Ásia, das ilhas que formam com Portugal uma unidade essencial de sentimento e de cultura. Teríamos nesse caso de aceitar as contribuições da espontaneidade popular ou da diversidade regional que se impusessem ao todo pelo seu sentido mais rasgadamente humano (s/d(a): 61).*

A nova realidade de cultura e língua portuguesa tem de ser constituída, numa espécie de federação de todos os povos independentes ou, à época, o mais independentes possível, mas conduzidos, ainda, por Portugal e o Brasil, lado a lado, sem ressentimentos de ambas as partes. Portugal colonizador na assunção da sua fraqueza territorial e pequenez no mundo, o Brasil olhando para a sua grandeza sem jamais esquecer que só o é porque partilha o legado do povo que o tornou uno:

*Ao sugerir a defesa da cultura luso-brasileira como essencial ao nosso desenvolvimento autónomo em face de qualquer imperialismo de cultura – o imperialismo económico seria, por inclusão, um imperialismo de cultura – que possa ameaçar-nos em futuro próximo (seja esse imperialismo europeu, asiático ou americano), não é nenhum nacionalismo estreito ou jacobinismo ranzinza que advogo [...] creio que a nossa tradição pode enriquecer-se, e muito, no contacto de culturas trazidas pelos imigrantes alemães, italianos, polacos, espanhóis, húngaros, japoneses, judeus (s/d(a): 35).*

Falar do luso-brasileirismo é reconhecer que esses dois pedaços de terra e da diversidade de povos que as habitam, depois de se encontrarem, não podem voltar a viver uns sem os outros pois o português não chegou ao novo mundo com o desejo de dominar e guerrear, mas sim de amar no sentido primário do termo: ligar-se às populações nativas e criar, em comunhão, outra espécie de seres que no futuro hão de ser predominantes nesses espaços. Partilha plena do que mais importante há em cada um para que no futuro os valores essenciais da cultura não se venham a perder. Nos grandes espaços sul americanos colonizados por povos europeus, só o Brasil permaneceu quase indivisível e isso deve-se às qualidades dos portugueses que nunca tiveram complexos em acolher o diferente e unir-se ao diverso. É verdade que para o Brasil existir Portugal usou e abusou do trabalho escravo, mas Freyre, nesta questão tão delicada porque de facto agride os ideais humanistas e cristãos que apregoa e é uma ferida nos mais básicos direitos humanos, sustenta que na altura não havia alternativa, sendo uma espécie de mal necessário. Portanto, se os brasileiros gostam do seu país, devem ter presente que a sua singularidade e grandeza se deve ao trabalho escravo, atenuando esta evidência com o reconhecimento de que no espaço brasileiro graças à condescendência do português, foi sempre permitida uma mobilidade significativa entre classes e raças, entre colonizador e colonizado, gerando uma mestiçagem que foi bem acolhida e se sobrepôs à escravidão, redimindo-a e atenuando na vivência social, mas não na produção industrial, a distinção senhor e escravo. O Brasil é a herança do trabalho escravo, mas esse desatino pôde aqui ser compensado com a mestiçagem, que se revelou ativa e criadora por ter surgido da relação natural dos colonos com os povos nativos e escravos:

*o amor do homem pela mulher e do pai pelos filhos, acima de preconceitos de cor, de raça, de classe, de posição, deu à mestiçagem do Brasil a sua expressão mais humana, e, ao mesmo tempo, mais cristã, sem que ela deixasse de ter outra: a de luxúria, a de voluptuosidade, a de abuso brutal da mulher indígena ou africana pelo homem branco (s/d(a): 41).*

Entende, assim, que a nova raça fundada por portugueses, indígenas e escravos, mesmo que tenha tido origem na luxúria e no desejo carnal, foi mais além por ter juntado a lascívia ao sentimento amoroso. Em consequência, as famílias mestiças tornaram-se um forte vínculo da fixação dos portugueses no Brasil relevando um sentimento maior de uns pelos outros, pois os novos cidadãos, filhos de homens livres e mulheres escravas ou nativas que o amor cristão obriga a acolher, são reconhecidos perante a lei e tratados como iguais. Força social ativa geradora de uma forma de integração nova, democratização social, reduzindo ao mínimo o preconceito da raça. A mestiçagem cria novos critérios éticos e permite fluxos de ascendência social até então impensáveis, mesmo por meio da herança, alargando o estatuto da nobreza que se sustenta nos laços de sangue e faz com que as novas gerações provenientes das anteriores herdem o património de honra, a bravura e a grandeza que os progenitores transmitem:

*A mestiçagem é uma característica tipicamente portuguesa, ou melhor, luso-brasileira, luso-asiática, luso-africana, que nos torna uma unidade psicológica e de cultura fundada sobre um dos acontecimentos, talvez se possa dizer, sobre uma das soluções humanas de problemas de ordem biológica e ao mesmo tempo social, mais significativas do nosso tempo: a democratização de sociedades humanas através da mistura de raças, do cruzamento, da miscigenação (s/d(a): 46).*

Freyre propõe um trabalho interdisciplinar que potencie um adequado conhecimento da expansão e respetiva colonização, e mesmo que seja um académico que usa métodos de estudo científicos, entende que neste campo, fazer história tradicional, assente em factos e acontecimentos efetivamente documentados, pouco ajuda para a compreensão geral da colonização portuguesa o mundo. A pesquisa em ciências humanas tem tudo a ganhar com a interdisciplinaridade: antropologia, psicologia, sociologia, história social, geografia humana, folclore. Só o concomitante contributo destas áreas pode indicar o que foi a colonização, uma vez que continuar a insistir na ausência de documentos escritos para a compreensão deste período continuará a deixar

na obscuridade não apenas factos estruturantes do nosso passado, mas também as categorias que interessam para delinear o futuro que providencie o bem comum. Não foi a ciência que aproximou os povos, mas sim a ligação fraternal que se foi estabelecendo entre uns e outros: relações sem livros nem leituras, sem escolas nem Universidades. Afinidades exclusivamente humanas que permitiram o sã entendimento de uns e de outros, sem qualquer tipo de história comum. As culturas primitivas não tinham fixada a sua história e apenas se preocupavam com a gerência do dia a dia, e assim sendo, só podem ser estudadas por meio de técnicas estranhas à narrativa académica, uma vez que o estudo da formação de um povo não fica circunscrito ao conhecimento do sexo, raça, classe, religião:

*A história social brasileira não pode ser como a europeia um mero registo de aspetos da vida social [...] terá de recolher o mais profundo da contribuição ameríndia ou africana ao desenvolvimento brasileiro (s/d(a): 70).*

O facto de a colonização portuguesa ter erguido o Brasil num espírito fraternal e não na força das armas, também ajudou a que este grande país assimilasse os traços principais da cultura europeia sem, contudo, permitir que essa herança destruísse a diversidade que em si já continha. Realidade à parte e diversa da europa cujo sentimento enquanto nação só se poderá aferir com estudos sem preconceitos:

*é interessante salientar o facto de que a moderna história social ou cultural teve as primeiras perspectivas ecuménicas – em vez de simplesmente europeias – na obra ainda vaga, mas já sugestiva, de portugueses e espanhóis dos séculos XV, XVI, XVII – os grandes séculos das navegações, das conquistas, do comércio com as Índias, da colonização do Novo Mundo (s/d(a): 72).*

Os povos primitivos não entendem o seu desenvolvimento social e cultural, em sentido alargado, como a tradicional história academicamente aceite da adulação, da descrição empolada dos feitos dos heróis e do desconhecimento absoluto sobre o povo que as patrocinou. Dar a conhecer essa outra faceta dos modos de fazer mundos nunca pode ser tarefa de um homem só e

por isso refere os trabalhos importantes para as suas pesquisas de autores como Maria Archer, Mendes Correia, Germano Silva, Roquette Pinto, todos fixados nas características desse mundo criado pelos portugueses. Como as Universidades nacionais continuavam a ignorar essa pesquisa, propõe que o Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura a colija e divulgue, como já vinha a ser feito pelo Arquivo Colonial de Lisboa. É impossível entender o luso-tropicalismo sem o conhecimento de todos os estudos sobre o assunto e a troca dos diversos produtos das investigações levadas a cabo em colóquios e congressos participados por aqueles que têm investigação sobre o assunto, seja em que aspeto for e em que espaço ocorrer. Torna-se urgente conhecer profundamente a história e a vida social dos portugueses e luso-descendentes pois só conhecendo o nosso passado nos poderemos entender no presente e projetar no futuro. Esse entendimento beneficia com o conhecimento da história da arte e da cultura comuns à totalidade do espaço lusófono, pois a dissolução dos portugueses em outros povos acontece também com a agregação da arte portuguesa à arte dos índios, dos negros e restantes povos:

*a ponto de parecer ir perder-se nos sangues e nas culturas estranhas, mas ao mesmo tempo comunicando-lhes tantos dos seus motivos essenciais de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de ser, que, passados séculos, os traços portugueses se conservam na face dos homens e na fisionomia das casas, das igrejas, dos móveis, dos jardins, das embarcações, das formas de bolos (s/d(a): 90).*

Os valores estéticos são também axiais na fundação do luso-tropicalismo ou da nova sociedade luso-afro-asiático-brasileira a que pertencemos. Como o homem novo é representado pelo mestiço, a arte nova refletirá a multiculturalidade criada pelos portugueses, incorporando nela objetos de influência diversa: Brasil, Índia, África, China, Japão. Juntamente com a arte, e com o mesmo propósito de realçar a fusão das várias culturas, coloca a culinária (temperos ingredientes), os doces, os jardins (árvores plantas tropicais), o azulejo (temas luso-descendentes), pintura que representa animais exóticos, trechos da natureza, figuras de pretos, mulatos,

ameríndios, índios, e esses aspetos importantes estão presentes na casa, na sua arquitetura e decoração, como é exemplo o mobiliário, louças, vestuário, ornamentos, jardinagem e a diversidade da culinária. Valores éticos e valores estéticos, lado a lado, na base de uma definição de homem universal sob as características do luso tropical. Na verdade, para a sã convivência dos povos, os valores estéticos costumam ser predominantes porque estão ausentes dos conflitos que os valores éticos e morais inevitavelmente encarnam. A grandeza do Brasil está na maneira como se fez pelo esforço do colono branco e Freyre entende que mesmo o trabalho escravo, maior no africano que no ameríndio, juntamente com a monocultura, o latifúndio, o comércio internacional dos judeus que levaram capital e trabalho escravo para toda a América, desenvolvendo-a com as suas iniciativas económicas que se tornaram nos séculos XVI e XVII os grandes financiadores da lavoura, formou a diversidade do espaço brasileiro. Comerciantes provenientes de um povo impregnado de valores morais, artísticos e científicos que foram impulso determinante para o sucesso da colonização e que nunca foi devidamente reconhecido. A todos estes valores deve ser acrescentado o da língua para a unidade de um povo:

*nossa é a língua portuguesa, como nosso é o Convento de Cristo, como nosso, Santo António de Lisboa, como nossa a 'menina e moça' de Bernardino Ribeiro [...] a Torre de Belém, o Condestável [...] o filhó, o arroz de leite, o vinho do Porto: tudo passado comum, valor comum, fonte comum de vida, de cultura, de sentimento tanto para brasileiros como para portugueses; tanto para portugueses da Europa como da Índia, da África, das Ilhas, de Macau (s/d(a): 173).*

E mostra com exemplos como o povo e o interesse fraternal que se estabelece na nova sociedade nascida no Brasil, não poderia voltar a ser derrubada pois ainda no século XVII um grupo de franciscanos tentou discriminar meninos pardos nas escolas luso-brasileiras e colégios católicos, seguindo uma política racista que foi travada com a intervenção do Rei de Portugal que se pronuncia:



*contra os padres da Companhia e na defesa daquele cristianismo fraternal já então inseparável da obra de expansão portuguesa no mundo pela contemporização do europeu com o valor exótico – homens e culturas – e nunca pela exterminação dos homens e valores de cultura extraeuropeus ou pelo seu puro aproveitamento económico; nem sequer pela negação dos seus direitos e das suas oportunidades de ascensão social e cultural até à igualdade completa aos europeus (s/d(a): 186).*

Os jesuítas não terão compreendido que a essência do povo português é fraternal e franciscana, estando o carácter lusitano impregnado de espírito de aventura e gosto da rotina, espírito de iniciação e o gosto de conservação, espírito científico e espírito prático. Mistura de sangue nórdico, mouro, judeu, negro, que corre nas entranhas de três personagens centrais na construção do Brasil e na definição do Império: Pe. António Vieira, Pe. José de Anchieta, Marquês de Pombal. Império antropocêntrico, centrado na pessoa, e não etnocêntrico, reunido pela raça, como o inglês, alemão, italiano, japonês:

*O português combina o espírito da aventura com a rotina, o gosto de viver com a coragem de morrer, o gosto da ciência experimental com as práticas antigas, o sebastianismo com o trabalho pé-de-boi, o entusiasmo com as terras novas e a conservação da tradição, o ativismo com o saudosismo, o afã do fidalgo e a pertinácia do homem do povo [...]. Para dilatar vida, para intensificar vida, para multiplicar a vida (s/d(a): 191).*

Freyre considera os franciscanos como aqueles que melhor se relacionam com o modo de ser dos portugueses, ao contrário dos jesuítas que entende serem teóricos e especulativos, espírito escolar que não se adapta aos novos povos constituídos por índios e negros, habituados a uma educação natural que querem manter e por isso rejeitam a escola e não aderem à educação intelectual, ao conteúdo racional e lógico da aprendizagem, resistência esta que terá levado os jesuítas, eurocêntricos, a pensar que estes povos não tinham as mesmas qualidades intelectuais dos europeus. Ao contrário, os franciscanos, com uma assumida vivência em comunhão com a natureza, à semelhança do seu fundador, Francisco de Assis, facilmente alcançam os povos

indígenas por uma relação próxima, sentindo-se irmãos e partilhando os seus métodos de educação, sem formalismos nem racionalismos em excesso. Na sociedade portuguesa e porventura em todo o espaço lusófono a minoria, letrada e culta que decide sobre o destino dos povos, segue um academismo teórico exagerado, em oposição ao povo que na sua basilar pobreza mantém um vínculo ao santo de Assis, em respeito com a natureza de que se sente parte e sem a qual sabe não poder subsistir:

*Cristianismo em que o menino-Deus se identificou com o Cupido e a virgem Maria e os santos com os interesses da procriação, de geração e de amor mais do que com os de castidade e de ascetismo (Freyre, 2003: 302).*

Que acaba por se refletir na:

*feita de igreja no Brasil como em Portugal, é o que pode haver de menos nazareno no sentido detestado por Nietzsche. No sentido sorumbático e hispânico. Pode-se generalizar do cristianismo hispânico que todo ele se dramatizou nesse culto festivo de santos com trajes e armas de generais (ib.: 304).*

O experimentalismo social e biológico são conceitos académicos que só à posteriori se podem aplicar. Como refere, os portugueses pretendiam apenas saciar os instintos carnis e quiseram fazê-lo com o respeito cristão, universal e fraternal, não católico porque se fosse esta a via nunca se libertariam das malhas teológicas do pecado e da pena, que na verdade, nunca os incomodou. Enquanto os puristas apenas recolhem a necessidade biológica inerente à espécie de se unir sexualmente, Freyre retira consequências estruturais desse comportamento:

*O europeu neopagão não hesita, em sua revolta um tanto histórica, em identificar com o cristianismo e com a complexidade atual da civilização que os portugueses mais cultos desenvolveram da herança greco-romana, hispano-árabe e sefardita; e não apenas cristã [...] portugueses e luso-descendentes, americanos de todas as origens, homens de vários sangues, cristãos de todos os credos e mesmo os sem credo oficial nenhum [...] sociedade cristã diversa da igreja e das igrejas pelo seu sentido mais largo que o imposto pelos dogmas, pelas*

*doutrinas, pela teologia [...] de uma vitalidade sentimental e intelectual superior à dos católicos puramente históricos (s/d(a): 195).*

## DE UM IMPÉRIO TRANSFORMAR-SE-Á O MUNDO

A realidade que Freyre reflete é a luso-brasileira, mesmo que seja brasileiro de origem. Portanto nada mais natural do que ter o seu lugar como catapulta para a transformação do mundo. Anos depois, Agostinho da Silva viria a defender o mesmo: se Portugal não quer federar as regiões de cultura e língua portuguesa para iniciar a nova postura ante o mundo, que seja, então, o Brasil a fazê-lo, porque a este país nada lhe falta já que herdou todos os atributos de Portugal, sendo agora um imenso espaço de verdadeira inclusão, cabendo-lhe a obrigação de alargar o legado da cultura luso-afro-asiático-brasileira a todo o mundo:

*Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, a Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura. Isto sem sacrifício, é claro, das diferenças nacionais ou regionais de organização política e de especialização económica (s/d(a): 39).*

Para que assim seja, é preciso corrigir os puristas da raça ariana que tendem a olhar com desprezo para a mestiçagem que como ficou bem evidente, é um caráter distintivo da colonização portuguesa que juntamente com a religião católica iniciaram as condições para uma futura federação de Estados. Na realidade não é do apego português que se trata, mas sim do sentimento que o cristianismo quis universalizar e que foi interpretado de forma diferente, para melhor, pelos portugueses:

*O sentimento cristão de dignidade da criatura, que se confunde com o sentimento da pessoa humana, anterior ao próprio cristianismo, é um daqueles sentimentos tradicionais, uma daquelas realidades básicas sem as quais não se explica a civilização moderna da Europa, da América, de várias outras partes do Mundo (s/d(a): 178).*

Naturalmente que a vivência cristã é da responsabilidade de cada um, e mesmo que sedimentando uma sociedade desigual e injusta e uma economia desregulada, as bases para a igualdade

social não precisam de ser procuradas em outro lado porque estão contidas no cristianismo. Nefasto para a sociedade não são esses ideais, mas sim o que os povos vão fazendo com eles. Material e politicamente é preciso desenvolver “a democracia social, cristã, sem preconceitos de raça ou de cor, de classe ou de credo religioso”. Verdadeira igualdade numa espécie de utopia política em que os povos aparecem sem fronteiras e sem desejo de domínio, sujeitos apenas pelo amor que a todos une: senhores, homens livres, escravos, minorias de toda a espécie e proveniência. Como académico, na tentativa de conciliar a teoria com a prática os enunciados com a sua realização, Freyre reclama o direito e a oportunidade de portugueses e luso-descendentes realizarem aventuras de experimentação social, reforma social dentro da nossa cultura de tolerância e não violência, em respeito com o sentimento e os valores cristãos em que nos formamos, protegendo-nos a todos das ameaças de um qualquer etnocentrismo. A colonização portuguesa desenvolveu-se em rasgos de franca democracia que convém alargar e aprofundar:

*Resguardá-la de imperialismos de qualquer espécie, mesmo o apenas doutrinário; resguardá-la de qualquer espécie de intromissão imperialista no íntimo da sua vida e no essencial da sua cultura, nunca renunciando ao princípio e ao método de democratização das nossas sociedades [...] pela miscigenação, pela mistura das raças, pelo intercuro entre as culturas (s/d(a): 207).*

Em todas as latitudes onde os portugueses foram colonos, Ásia, Brasil, ilhas do Atlântico, África, desenvolveu-se a cordialidade e a simpatia, particularidades dos portugueses que souberam incorporar o sentimento cristão nas relações com as gentes consideradas inferiores. Em seu entender não faz qualquer sentido criticar e condenar a miscigenação com base na ideia de uma raça pura, lusitana e dos países colonizadores do norte da Europa, a europeia e branca, e aos descendentes desses colonos que alimentam a mesma postura. A desmedida crítica ao modo fraterno de ser português, em seu entender, encontra-se mais atenuada na África, Macau e Índia do que no Brasil, espaço onde o legado português mais se põe em causa e se combate de forma injusta:

*O que não deixará de haver entre os luso-descendentes serão – suponho eu – essas provas de vigor híbrido, não da parte das ‘sub-raças’, mas das culturas, ou ‘sub-culturas’, formadas pelo extraordinário esforço de procriação e de colonização dos portugueses, e capazes, talvez, de exceder, em certas qualidades, a cultura paterna, a do povo original (s/d(a): 50).*

A mestiçagem será a marca distintiva do mundo a vir. Um novo ser que em si congrega características de criaturas diferentes representando a unidade da diversidade o que permitirá a democracia social, humana, verdadeiramente universal, englobando o regional no transnacional sob a partilha de uma cultura e um comportamento comuns. Um só povo, nem português, nem brasileiro, mas universal, sem fronteiras nem barreiras, mesmo que saiba não agradar à intelectualidade de ambos os países eivada de preconceitos porque os investigadores sociais não o trabalham com o interesse e a demora que merece. O tempo a vir não terá raça nem cor, nele predominará a mestiçagem como resultado não de qualquer experiência social, mas de uma ação cultural enquanto herança da mais tolerante e distintiva das colonizações que valorizou o indivíduo independentemente da cor, posição social e económica, patrocinando uma verdadeira igualdade:

*de oportunidades sociais e de cultura para os homens de origens diversas, as áreas de formação portuguesa – formação por meio de mestiçagem – constituem hoje uma antecipação ou, mais do que isso, uma aproximação, daquela democracia social de que se acham distantes os povos atualmente mais avançados na prática da tantas vezes ineficiente e injusta democracia política, simplesmente política (s/d(a): 51).*

A nova cultura será transnacional, simultaneamente de diferenciação e integração dos luso-descendentes, será híbrida e há-de manifestar-se pela aspiração universal onde não de coabitar todos os regionalismos e nacionalismos. Se algo falhou na colonização portuguesa não foi a mestiçagem, a miscigenação, a mistura de culturas diferentes, mesmo que tenha sido prejudicada pelas condições oferecidas por uma economia latifundiária e por uma sociedade escravocrata

e patriarcal, deixou para todo o sempre o legado maior da capacidade de assimilar, o efetivo contributo para o estabelecimento de uma sociedade mundial de fraterno amor e tolerância, a confraternização das raças e povos, tendo a mestiçagem sido causa efetiva da mobilidade social vertical em cumprimento dos procedimentos cristãos, vencendo assim a mobilidade horizontal que se caracteriza por um fluxo de indivíduos que não se adaptam aos lugares por onde vão passando e por isso não conseguem habitá-los em partilha comum e igual. A construção do futuro necessita, ainda, de uma língua supranacional, que corresponda aos desejos de todos os povos, América, África, Ásia, ilhas que formam com Portugal uma unidade essencial de sentimento e de cultura, sempre com o contributo indelével da naturalidade do povo e da multiplicidade regional, para assim desenvolver a cultura transnacional ou supranacional:

*O interesse moderno da literatura, da arte e da sociologia brasileiras pelo negro, pelo afro-brasileiro, pelo mulato, parece participar dessa vontade vaga de integração de parte considerável da nossa cultura nacional naquele todo transnacional, penetrado das mesmas influências africanas (s/d(a): 52).*

## CONCLUSÃO

Por ter ascendência em colonos brancos e pertencer à elite, possuindo uma educação académica esmerada e se ter destacado nos emergentes estudos sociais, por enfatizar o lugar do homem branco no desenvolvimento dos novos povos, Gilberto Freyre não pode ser considerado colonialista pois o seu esforço é para colocar lado a lado, todas as gentes, raças e culturas. Na verdade, as questões do colonialismo, da escravatura e da relação de poder e força entre as nações na altura dos descobrimentos e dos tempos em que se fez o Brasil, não podem ser interpretadas com base na exegese da atualidade. Se a sua investigação fosse lida e comentada à luz do universalismo que procura em vez do circunstancialismo em que é enredada, o povo brasileiro teria a questão rática mais bem resolvida do que a realidade de facto parece traduzir. Se o Brasil tem nos seus

trabalhos um manancial antropológico e sociológico de relevo, Portugal pode desse labor extrair características axiais que fizeram dos portugueses um povo raro no mundo, originando colonizadores distintos de todos os outros. O seu contributo para o estabelecimento de uma ontologia de Portugal é da maior importância e a maneira simples como a expõe, coloca Portugal e os Portugueses na genealogia do mundo a vir. Por cá a sua vasta obra encontra-se desde há muito esgotada o que revela o pouco interesse que os portugueses continuam a ter sobre o lugar de onde vêm, do povo que formaram, do império que construíram e da situação em que se encontram. Com Freyre aprendemos que o caminho é sempre para a frente: do retângulo sem nome que originou Portugal, de Portugal para o espaço alargado do luso-tropicalismo e deste para o supranacional, o mundo a vir. Povo pequeno que quis tornar o mundo uno, cristocêntrico e não etnocêntrico. O luso-tropicalismo em toda a sua extensão deveria, em seu entender, ser estudado interdisciplinarmente em cursos universitários pois é necessário que todas as nações se empenhem no mesmo ideário em prol do ecumenismo e da paz mundial de que

é exemplo o espaço de sociedade e de cultura transnacional sob a égide da Língua portuguesa. Como vaticina em uma passagem por Moçambique mesmo que os impérios entrem em crise e acabem por desaparecer:

*nós portugueses e descendentes de portugueses, haveremos de sobreviver, não porque a nossa organização esteja baseada na força, mas precisamente porque não está baseada nela e sim no amor [...] a grande base da obra portuguesa [...] foi o amor, foi a capacidade, única do português, para conquistar, não pela força bruta, não pelo poder militar, não pela superioridade técnica, não pela astúcia económica, mas pelo amor, o amor fraterno (s/d(b): 179).*

#### BIBLIOGRAFIA

- Freyre, G. (s/d(a)). *O mundo que o português criou & Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, 2ª ed. Lisboa: Livros do Brasil.
- Freyre, G. (s/d(b)). *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Freyre, G. (1958). *Integração portuguesa nos trópicos*. Falmalhão: Minerva.
- Freyre, G. (1961). *O luso e o trópico*. Lisboa: Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- Freyre, G. (2003). *Casa-grande & senzala*, 48ª ed. Recife-Pernambuco: Global Ed.